

Sexualidade de pessoas com deficiência intelectual

Sinval Correa Nunes

Sinvalr9@gmail.com

CIAD

O sexo, por sua vez, carrega consigo uma enorme complexidade representativa, sendo assim concebido pelo homem de forma multifacetada. No sexo em si um dos grandes problemas da pessoa com paralisia cerebral é a coordenação motora, mas há a questão da deformidade física que os torna improváveis objetos do desejo em nossa sociedade cada vez mais centrada nos padrões de beleza.

O Centro Integrado de Atendimento a Pessoa com Deficiência no Centro do Rio de Janeiro é o local de desenvolvimento desta pesquisa que fala da paralisia cerebral com as pessoas com deficiência valorizando assim sua autonomia e participação nos processos. Manteremos os nomes em sigilo e para isso criamos uma referência ficcional a eles, tentando resguardar aspectos de suas histórias.

Ao longo da história da humanidade, sempre houve uma curiosidade latente sobre a sexualidade e os sentimentos que ela desperta e a ênfase nos órgãos genitais pode ser observada desde desenhos pré-históricos até obras de arte da Antiguidade. Podemos exemplificar isto através dos escritos filosóficos de Platão que definia Eros como o deus do amor e dos desejos sexuais, instinto básico e impulsionador da vida.

Segundo Denari (1998, 2003) a vivência da sexualidade não deve ser entendida como uma concessão mas como um direito inerente a todo ser humano. E no caso das pessoas com paralisia cerebral nem sempre é simples o modo como as mesmas são percebidas. O preconceito com que a sexualidade dessas pessoas é tratado acaba por infantilizar seus corpos.

Uma das ocorrências que pretendo relatar aconteceu no momento em que recebemos estagiárias da universidade que cursavam enfermagem e vieram para acompanhar a prática dos alunos. Em um dado momento, o aluno paralisado cerebral, cadeirante, ficou excitado o que foi percebido pelo seu pênis ereto e que sobressaia do uniforme. A estagiária assustou-se com a ocorrência e saiu

da sala gritando e em choque. Para ela, era inadmissível que ele tivesse aquele tipo de comportamento ou reação.

Diante desse fato, a equipe acolheu a estagiária e discutimos o assunto para que ela pudesse compreender o que havia se passado. Nesse momento, a família dele também foi chamada para conversarmos sobre as manifestações de sua sexualidade e começarmos a trabalhar juntos para que isso não se tornasse atentado ao pudor ou um ato de manifestação explícita da sexualidade. Mesmo cientes de que estas ocorrências têm caráter que podem acontecer de modo involuntário.

Nas sociedades ocidentais, as concepções de beleza vão ao encontro das formas e estruturas físico-corpórea: possuir uma bela face e um corpo magro e escultural tornaram-se prerrogativas para se ostentar uma beleza admirável. Aquilo que apreendemos como mais desejável no outro é, invariavelmente, aquilo que percebemos como bonito/belo, levando à vontade de se unir sexualmente com as pessoas mais próximas da perfeição (MARWICK, 2009).

Há o caso de Max que não verbalizava, mas quando conhece umas adolescentes que se mudaram para sua rua começa a falar. O interessante é que a linguagem que ele começa a usar é bastante rebuscada, beirando o elitismo social. Seu repertório musical também estabelece um critério romântico o que traz progressos enormes na sua convivência social. E ele deixa de ser visto como “coitadinho” porque adquire características admiráveis de um “Dom Juan”, um conquistador, alguém capaz de ser uma companhia agradável.

Neste momento, a história de Max lembra em alguma medida o clássico do Corcunda de Notre Dame de Victor Hugo de 1831 . Podemos imaginar Max como sendo o Quasímodo com sua fuga aos padrões de beleza, com características assustadoras que o fazem ser atacado e desprezado, mas que com o passar da história se revela um homem gentil e bondoso, o herói da mulher que ama.

Em concordância com Adorno (1999), que elucida: “a indústria cultural não sublima o instinto sexual, como nas verdadeiras obras de arte, mas o reprime e o sufoca”, ou seja, quanto mais o corpo é considerado pelas massas como objeto de consumo, mais estaria o sujeito distante de sua própria condição ontológica de liberdade.

Foucault em Vigiar e Punir ensina sobre negatividade ética que na escola tradicional traz marcas e desvios bem como hierarquizações. Desse modo, o corpo do “deficiente” torna-se um corpo estranho, corpo das anormalidades: e exemplifica com “a salvação do paralisado cerebral, “ a sexualidade do deficiente mental” que marca um corpo-objeto a ser controlado e manipulado numa eterna vigilância.

Os pais de uma criança com limitações crônicas necessitam de assistência e orientação para compreender a situação e o potencial da criança para lidar com os próprios sentimentos de culpa, ansiedade, negação e tristeza. E cabe ao professor, ouvir e acolher as angústias dos alunos. Foi num desses momentos que uma aluna afirmou que seus pais não sabiam que ela gostava de meninas. E mais uma vez ficamos na posição de intermediários e devemos ter muito cuidado ao lidar com o outro: seus sentimentos, expectativas e emoções.

Muitas vezes, interfere o aspecto religioso que propõe uma *negação* da sexualidade por considerarem os deficientes mentais eternamente crianças ou verdadeiros anjos. Há ainda casos de *omissão* que acredita ser muito cedo para namorar ou de *controle* que pretende reprimir a sexualidade deles porque estes não sabem o que fazem.

Quando falamos de pessoas com deficiência há muitos casos de abuso, estupro e agressões por diversos motivos e razões. E por esses fatos é possível observar, em alguns casos, a impossibilidade de comunicação e em outros pode faltar condições de defesa. Há também a diferença social que gera dois tipos de público aqueles que têm algum acesso a sexualidade através da utilização de prostitutas e os desprovidos de recursos que ficam marginalizados. É válido atentar que as mulheres são desestimuladas a qualquer vivência sexual.

As pessoas com paralisia cerebral sem ter a capacidade cognitiva afetada não tem problema de sensibilidade tátil e em ter prazer, têm desejos amam e se apaixonam como qualquer outra pessoa. Se antes o corpo era visto por alguns teóricos do construtivismo social como entidade neutra e indiferenciada, compondo depois uma identidade histórica específica, para outros teóricos ligados ao feminismo e ao movimento LGBT, corpo e desejo são forjados socialmente e têm uma base material; onde forças sociais e linguagem modificam comportamentos e atitudes a partir da transformação de entidades materiais (GARTON, 2009).

É preciso refletir, desmistificar e organizar um trabalho com a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual que lhes garanta direitos, informe as famílias e permita que se viva melhor numa sociedade que se pretende inclusiva e participativa.

Referências

ADORNO, T. W. **Os pensadores: Adorno**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ASSUNÇÃO JUNIOR, F. B.; ALMEIDA, T. **Sexualidade, cinema e deficiência**. São Paulo: LMP, 2008.

COUTO, E. S. **Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura**. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p.172-186.

FAUX, D. S. et al. *Beleza do século*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

FERREIRA, Solange Leme. *Eu amo, tu amas, eles amam: a afetividade-sexualidade de jovens e adultos com deficiência mental*. In: FIGUEIRÓ, M. N. D (ORG) *Múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p 39-58

FURLANI, J. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARTON, S. *História da sexualidade: da antiguidade à revolução sexual*. Tradução de Mário Félix. Lisboa: Estampa, 2009.

GOELLNER, S. V. *A produção cultural do corpo*. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p.28-40.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARWICK, A. **Uma história da beleza humana**. Tradução de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Editora Senac, 2009.